

## Editorial

### Escuta de bebês

**Maria Cristina Machado Kupfer; Paula Fontana Fonseca**

A escuta psicanalítica dos bebês e seus pais é um campo em expansão. Seguindo os caminhos da chamada clínica ampliada, que busca levar as contribuições da clínica psicanalítica ao espaço público, essa escuta tem sido proposta em hospitais e em creches, e agora também em UTIs e em ONGs, como testemunham os artigos apresentados no dossiê “Escuta de bebês”, organizado pela Revista *Estilos da Clínica*.

É digno de nota o fato de que, ao falarem de bebês, três dos cinco artigos aqui apresentados se apoiem no IRDI, um instrumento antes chamado de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil, e agora chamado com novo nome, por sugestão de Leda Bernardino: Indicadores de Referência para o Desenvolvimento Infantil. Além de consagrado como instrumento de leitura psicanalítica – por isso o termo “referência” – do acompanhamento da subjetivação de bebês, o IRDI tem sido amplamente utilizado como instrumento em pesquisas que envolvem bebês. Aqui, a referência tem o sentido de ser um parâmetro de leitura que dá aos dados a possibilidade de que sejam comparados com outras pesquisas. Mas são, sobretudo, instrumentos de escuta de bebês.

Os três artigos que fazem uso do IRDI mostram bem seu valor como instrumento que pode orientar uma escuta de bebês. Apoiando-se nos eixos teóricos que balizaram a construção dos indicadores, o artigo de Frantz e Donelli constatou que o trabalho psicanalítico com bebês prematuros “é um campo riquíssimo para prevenção em saúde mental”. Laguna e Barros detiveram-se especialmente em um desses eixos do IRDI, a Suposição de Sujeito, e verificaram sua presença mesmo em uma situação atípica de internação do bebê. Sehn e Lopes puderam observar que é inegável que o profissional da educação infantil seja uma figura de referência no processo de subjetivação do bebê e da criança pequena, inspirando-se na metodologia IRDI nas creches.

---

\* Psicanalista. Professora Titular Sênior da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [mckupfer@usp.br](mailto:mckupfer@usp.br)

\*\* Psicanalista. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [pff@usp.br](mailto:pff@usp.br)

Outros dois artigos integram o dossiê. Moreno e Bleicher discutem o acolhimento ao luto perinatal, frequentemente entendido no social como uma perda menos significativa, já que ocorrida no estágio fetal ou com recém-nascidos. As autoras mobilizam a discussão em torno da escuta dos pais sobre o filho perdido e enfatizam a importância de instituições e grupos no apoio ao trabalho de luto. Por fim, contamos com o artigo de Tibiriçá, Couto, Mamede, Caversan, Silva e Teodoro que traz um debate acerca dos efeitos de um diagnóstico psicopatológico precoce no laço mãe-bebê. O trabalho se sustenta na premissa de que a constituição subjetiva se origina no campo do Outro, o que permite destacar que nunca será indiferente para um bebê o modo como seus pais, sua família e o campo social antecipam e significam sua chegada.

Mas vale nos determos um pouco mais no termo “risco” e pensar o que ele faz falar no campo da escuta de bebês. O deslocamento operado ao longo do trabalho de pesquisa com os IRDIs, que ressignificou o risco ao tomar o indicador como *referência* para o exercício clínico, explicita ao menos duas tensões presentes no trabalho com bebês. A mais evidente delas é a tendência à medicalização e patologização da vida, produção discursiva que captura o sujeito cada vez mais precocemente alienando-o em um destino marcado por nomenclaturas orquestradas dentro de uma lógica médica. No entanto, há outro impacto, mais insidioso, que implica no desaparecimento do sujeito tal qual entendido pela psicanálise e no esvaziamento da clínica - aqui tomada nos termos propostos por Cifali (2001, p. 102) como uma abordagem que “visa a uma mudança, atem-se à singularidade, não tem medo do risco e da complexidade e co-produz um sentido do que se passa”.

Assim, tanto o pesquisador como o clínico que tiverem contato com os textos aqui apresentados, e outras tantas produções acadêmicas, pode e deve questionar as proposições e conclusões expostas tendo essas dimensões como interrogantes. Só desta forma podemos seguir correndo o risco de falar e de propor uma escuta de bebês que esteja ancorada em uma atitude ética e implicada com a dimensão subjetiva e singular do acontecimento humano.

## **Referência**

Cifali, M. (2001). Conduta clínica, formação e escrita. In L. Pasquay; P. Perrenoud; M. Altet; & E. Charlier, (Orgs.). *Formando professores profissionais* (pp. 103-117). Porto Alegre, RS: Artmed.

Recebido em abril de 2022 – Aceito em abril de 2022.